



Revista de Enfermagem

UFPE On Line

ISSN: 1981-8963

ORIGINAL ARTICLE

KNOWLEDGE ASSOCIATED WITH THE USE OF MEDICINAL PLANTS BY FARMERS ELDERLY RESIDENTS IN A NURSING HOME

CONHECIMENTO ASSOCIADO AO USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR IDOSOS AGRICULTORES RESIDENTES EM UMA INSTITUIÇÃO ASILAR

EL CONOCIMIENTO ASOCIADO CON EL USO DE PLANTAS MEDICINALES POR LOS AGRICULTORES ANCIANOS RESIDENTES DE UN INSTITUCIONE DE ANCIANOS

Anelise Miritz Borges¹, Caroline Vasconcellos Lopes², Lenice de Castro Muniz de Quadros³, Rita Maria Heck⁴, Rosa Lía Barbieri⁵

ABSTRACT

Objective: to identify medicinal plants used by elderly farmer living in an long stay institution in a city in Rio Grande do Sul state and rescue knowledge associated with them. **Method:** it is a qualitative, exploratory and descriptive study, conducted in a home for elderly in São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul state, Brazil. Seven subjects participate in the study. The instruments used were semi-structured interviews and observation of plants with photographic record. Data collection occurred in June 2009. **Results:** Considering the seven interviewees, four were women and three men, with the age of 63 to 91 years old, with spent time in the institution from 3 months to 12 years. They reported the use of twenty-four medicinal plants. Regarding the transmission of knowledge about medicinal plants prevailed not diffusion of knowledge, corresponding to four subjects. Only two said they use to teach what they know about the plans to others. In addition, an elder said spread their knowledge when it is addressed, otherwise it does not. **Conclusion:** we believe that the acquisition of knowledge on the use of medicinal plants for therapeutic purposes occurs throughout life, causing therefore an accumulation of valuable knowledge in the elderly. **Descriptors:** phytotherapy; nursing; homes for the aged.

RESUMO

Objetivo: identificar as plantas medicinais utilizadas por idosos agricultores que residem em uma instituição de longa permanência do interior de um município do Rio Grande de Sul e resgatar o conhecimento a elas associado. **Método:** estudo com abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, realizada num lar de idosos do município de São Lourenço do Sul do Rio Grande do Sul - Brasil. Participaram da pesquisa sete sujeitos. Os instrumentos utilizados foram entrevista semi-estruturada e observação das plantas com registro fotográfico. A coleta de dados ocorreu no mês de junho de 2009. **Resultados:** dos sete sujeitos entrevistados, quatro eram mulheres e três homens, com idades de 63 a 91 anos, com tempo de permanência na instituição de 3 meses a 12 anos. Referiram o uso de vinte e quatro plantas medicinais. Em relação à transmissão de conhecimentos sobre as plantas medicinais prevaleceu a não difusão dos saberes, correspondente a quatro sujeitos. Apenas dois afirmaram que costumam ensinar o que sabem sobre as plantas a outras pessoas. Além destes, um idoso afirmou que dissemina seus conhecimentos quando o mesmo é abordado, do contrário não o faz. **Conclusão:** entende-se que a aquisição dos saberes sobre a utilização das plantas medicinais para fins terapêuticos ocorre no decorrer da vida, desencadeando, portanto, um valioso acúmulo de conhecimentos na terceira idade. **Descritores:** fitoterapia; enfermagem; instituição de longa permanência para idosos.

RESUMEN

Objetivo: identificar las plantas medicinales utilizadas por los agricultores de mayor edad que residen en una institución de larga residencia en el interior de un municipio de Río Grande do Sul y rescatar el conocimiento asociado a ellas. **Método:** estudio con uno abordaje cualitativo, exploratorio y descriptivo, realizado en una residencia de ancianos de São Lourenço do Sul Río Grande do Sul - Brasil. Siete sujetos participaron en la encuesta. Los instrumentos utilizados fueron entrevistas semi-estructuradas y observación de las plantas con registro fotográfico. Los datos fueron recolectados en junio de 2009. **Resultados:** de los siete sujetos entrevistados, cuatro eran mujeres y tres hombres, con edades entre 63 a 91 años, con el tiempo transcurrido en la institución de 3 meses a 12 años. Los ancianos reportaron el uso de veinticuatro plantas medicinales. En cuanto a la transmisión de conocimientos sobre plantas medicinales no prevaleció la difusión del conocimiento, correspondiente a cuatro individuos. Sólo dos dijeron que tienden a enseñar lo que saben acerca de las plantas medicinales a otras personas. Además de éstos, un anciano dijo que extiende sus conocimientos cuando lo mismo es referido, de otra manera no lo hace. **Conclusión:** creemos que la adquisición de conocimientos sobre el uso de plantas medicinales con fines terapéuticos se produce durante toda la vida, causando por lo tanto una acumulación de conocimientos valiosos en los ancianos. **Descritores:** fitoterapia; enfermería; hogares para ancianos.

^{1,2,3}Enfermeiras. Mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mails: miritzenfermeira@yahoo.com.br; carolinevaslopes@gmail.com; lenicemuniz@hotmail.com; ⁴Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do curso de enfermagem da UFPel. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: heckpillon@yahoo.com.br; ⁵Bióloga, Doutora em Genética e Biologia Molecular. Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: barbieri@cpact.embrapa.br

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais são adotadas para fins terapêuticos desde os primórdios da humanidade, cuja prática, na época, era conduzida por curandeiros e benzedeiros, que através dos seus conhecimentos populares, direcionavam ações preventivas e curativas em saúde. No Brasil, percebe-se que é cada vez mais freqüente o uso de plantas medicinais, dadas as facilidades ao acesso e ainda por estas serem de fonte natural, o que colabora para a obtenção de um falso paradigma de que os recursos naturais não oferecem risco à saúde.¹ Assim, a população brasileira, na sua maioria adere ao uso das plantas sem possuir os devidos conhecimentos e cuidados acerca da sua manipulação, o que está diretamente agregado à importância da transmissão dos saberes, sejam eles informais ou científicos, pois ambos devem se complementar para permitir maior segurança à saúde dos indivíduos.

Com o intuito de valorizar o conhecimento popular e estimular estudos científicos acerca desses conhecimentos, o Ministério da Saúde do Brasil, instituiu no ano de 2006 através do Decreto 5.813, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, como um dos elementos de transversalidade na implementação de ações que promovam melhorias na qualidade de vida da população brasileira.²

O surgimento dos saberes sobre plantas medicinais está intimamente ligado aos primeiros grupos humanos que habitaram o nosso planeta. Estes contribuíram para a heterogenia de informações pertinentes ao uso das plantas, a partir da variabilidade cultural existente. Neste contexto, o Brasil possui uma rica biodiversidade e detém um valioso conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais, colaborando para o desenvolvimento de estudos e descobertas referentes ao uso correto e seguro das plantas para fins terapêuticos e, por conseguinte, econômicos.²

Em consonância a tal afirmação, destaca-se que os saberes populares devem ser considerados de acordo com o contexto sócio cultural existente, de modo a resgatar e valorizar as informações, a fim de torná-las mais ricas e próximas da comunidade. Em face disso, as instituições de longa permanência, como os lares para idosos, possuem este caráter multicultural, dada a variabilidade na procedência dos sujeitos, constituindo múltiplos valores religiosos, econômicos e afetivos, dentre outros.

Deste modo, o estudo objetivou identificar as plantas medicinais utilizadas por idosos agricultores que residem em uma instituição de longa permanência do interior de um município do Rio Grande de Sul e resgatar o conhecimento a elas associado.

MÉTODO

O presente estudo qualitativo ³, do tipo exploratório e descritivo ⁴, está vinculado ao projeto “Plantas bioativas de uso humano por famílias de agricultores de base ecológica na Região Sul do RS”, desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e pela Embrapa Clima Temperado. O projeto recebeu aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPEL, com parecer 029/2008.

A pesquisa foi realizada no município de São Lourenço do Sul, localizado a 196 Km da capital do estado do Rio Grande do Sul, junto a um Lar de Idosos, sendo este local escolhido pelo fato de acolher agricultores idosos, público pertinente ao projeto e que detém uma valiosa experiência de vida. A fim de selecionar os sujeitos, foram utilizadas algumas limitações, como possuir idade superior a 60 anos, ter exercido atividade agrícola, estar consciente e utilizar plantas medicinais para fins terapêuticos. Desta forma, de um total de 44 idosos, fizeram parte da pesquisa sete sujeitos.

Foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista semi-estruturada e observação das plantas com registro fotográfico. Não se teve acesso a todas as plantas citadas pelos entrevistados, por isso não foi possível realizar a identificação taxonômica. Porém, as citações de plantas foram analisadas conforme a indicação de uso e nome popular. A coleta de dados ocorreu no mês de junho de 2009.

A análise foi realizada a partir da ordenação dos dados, classificação em temas e análise final. Além disso, foi utilizado suporte teórico em todos os passos e reflexões das autoras. É importante salientar que o tratamento dos dados ocorreu num processo contínuo e simultâneo, com passos articulados e complementares entre si, visando apreender a realidade tal como se apresenta.⁵

A estrutura do artigo foi organizada de forma que os conteúdos abordados envolvessem duas temáticas, o conhecimento popular frente ao uso de plantas medicinais e a transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais.

RESULTADOS

Para a realização do estudo foram entrevistados sete sujeitos, sendo que quatro eram mulheres e três homens. As idades deles variaram de 63 a 91 anos, com tempo de permanência na instituição de três meses a 12 anos. Em relação à situação social dos idosos, a maioria era solteiro (4), um era separado, um viúvo e um casado. Quanto à etnia

destacamos que três dos entrevistados eram de origem alemã, os quais falavam o dialeto Pomerano, o que dificultou o processo de coleta de dados, pois eles conheciam o nome das plantas em Pomerano e algumas não recordavam o nome correspondente em Português.

Os idosos entrevistados referiram o uso de vinte e quatro plantas medicinais, as quais estão listadas na Tabela 1.

Tabela 1. Plantas medicinais citadas por agricultores idosos de uma instituição de longa permanência.

Nome popular das plantas medicinais	Uso mencionado pelos entrevistados
anis	diminuir a dor
babosa	ação calmante, para baixar a pressão, e para reduzir o colesterol
bálsamo-alemão	dor de barriga
bergamoteira	a folha é usada para tratar gripe; tem ação calmante
Camomila	dor de barriga
cancorosa	problemas nos rins, para infecção urinária, para doenças difíceis de serem curadas
capim-cidrão	ação calmante
carqueja	diabetes
chá-preto	dor de barriga
cidreira	ação calmante e para dormir
goiabeira	tratar diarreia
guaco	diminuir a tosse
hortelã	bem-estar
laranjeira	gripe; para dormir
limeira	a folha é usada para diminuir a febre
limoeiro	infecção urinária
losna	dor de estômago; para dor de barriga
malva	tratar feridas e “coisas” nos dentes
marcela	dor de estômago
mil-em-rama	tratar pressão alta
milho	o pendão é usado para “desgaste” no estômago
pata-de-vaca	problemas nos rins, para infecção urinária
poejo	dor de cabeça
são-sepulcro	ação calmante; para dor de estômago

Aos idosos que realizam a transmissão dos seus conhecimentos sobre as plantas medicinais foi questionado a quem disseminam tais saberes, os quais afirmaram ser às pessoas mais jovens e àquelas que questionam o seu uso, assim como aos idosos que não acreditam nesta prática de cuidado à saúde. Neste contexto prevaleceu a não difusão dos saberes, correspondente a quatro sujeitos. Apenas dois deles afirmaram que costumam ensinar o que sabem sobre as plantas a outras pessoas. Além destes, um idoso afirmou que dissemina seus conhecimentos quando o mesmo é abordado, do contrário não o faz.

Não, não repasso, sou sozinho, não ensino para ninguém. (W., 63 anos, 3 anos na instituição)

Não. Não ensino. (A., 91 anos, 12 anos na instituição)

Ensino para pessoas mais moças e para idosos que não acreditam, e alguns que

continuaram usando e foram curados. (S., 78 anos e 3 meses na instituição)

Se alguém pergunta a gente diz. (M.E., 72 anos, 6 anos na instituição)

Ao abordar os sujeitos sobre quem os ensinou a usar as plantas medicinais, a maioria destes afirmou que aprendeu com seus pais e familiares, enquanto que os demais entrevistados mencionaram que este processo foi construído a partir do contato com vizinhos, amigos e outras pessoas idosas.

Os meus pais me ensinaram sobre as plantas, desde pequena, me lembro que em casa a mãe dava quando a gente não estava bem da barriga. (L., 82 anos, 3 anos na instituição)

Os vizinhos é que me ensinaram, os meus pais faleceram quando eu era criança, e os vizinhos me ajudaram, ensinaram a trabalhar e usar os chás, foi com eles que aprendi. (W., 63 anos, 3 anos na instituição)

Observa-se que há pouca participação dos profissionais de saúde neste processo, dada a reduzida qualificação nesta área e o incentivo para tal, o que limita o acesso à utilização adequada das plantas. Tal fato é evidenciado nas falas dos idosos, quando abordados acerca da participação dos profissionais de saúde na indicação do uso das plantas, no qual se constatou pela maioria das respostas, que não há incentivo, apenas dois entrevistados referiram positivamente e um não se manifestou.

Não, só medicação. (B. 63 anos, 2 anos na instituição)

Se a gente pede, eles dão um chá. (M.E. 72 anos, 6 anos na instituição)

DISCUSSÃO

Dentre as plantas medicinais que fizeram parte dos dados coletados o Anis *Pimpinella anisum* L foi indicado pelos entrevistados para aliviar a dor. Em estudos etnofarmacológicos foi considerada sua ação antioxidante, antibacteriana⁶, expectorante, antifúngica, antiviral, espasmolítica e analgésica⁷, contudo em estudo fitoquímico encontradas substâncias anticonvulsivantes.⁸

Os entrevistados referiram o uso da babosa, *Aloe arborescens* Mill., como calmante, anti-hipertensivo e para reduzir o colesterol. Em um estudo farmacológico encontrou os seguintes componentes, os derivados antracênicos que possuem ação laxativa, mucilagem, da parte gelatinosa da planta, que possui propriedades emoliente, hidratante, antiinflamatória e antibacteriana.⁷ Extratos etanólico, clorofórmico, benzênico e aquoso de folhas secas e frescas apresentam ação antifúngica. O suco das folhas possuem polissacarídeos isolados, o qual têm ação hipoglicemiante.⁹ O uso indicado na literatura difere do referido pelos idosos.

O uso do balsamo-alemao, *Sedum dendroideum* Moc. & Sessé ex DC., foi relacionado ao alívio da dor de barriga, o que vai ao encontro dos estudos que comprovaram a ação antinociceptiva e antiinflamatória em testes realizados em ratos com contorções abdominais induzida por ácido acético, com administração de sumo das folhas frescas por via oral. Os autores salientaram que a atividade antinociceptiva do sumo do *S. dendroideum* não envolve mecanismos analgésicos centrais.¹⁰ O estudo de investigação fitoquímica revelou quatro glicosídeos kaempferol conhecidos, descrita na primeira vez para esta espécie, estes flavonóides, provavelmente, são os componentes que explicam os efeitos

antinociceptivo e antiinflamatório da espécie *S. dendroideum*.¹¹

Foi referido o uso da folha da bergamoteira, *Citrus reticulata* Blanco, para o tratamento de gripe e como calmante. Um estudo clínico in vitro com ratos realizado a partir de extratos do pericarpo da planta demonstrou efeitos antitumoral sobre as células leucêmicas.¹² Em um estudo farmacológico foi identificada a presença de flavonóides e carotenóides na casca da fruta, substâncias essas que estimulam o sistema imunológico.¹³

Quanto ao uso da camomila, *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert, os entrevistados afirmaram utilizar para dores de barriga, fato confirmado pelas pesquisas etnofarmacológicas indicadas como calmante, estomáquico e antiespasmódico¹⁴, além de promover o alívio de sintomas digestivos.¹⁵

São referidas popularmente como cancorosa duas espécies bastante diferentes, *Maytenus ilicifolia* Reissek (família Celastraceae) e *Iodina rhombifolia* Hook. & Arn. (família Santalaceae). Os entrevistados citaram o uso de cancorosa para problemas nos rins e infecção urinária, além de sugerirem para os casos de doenças difíceis de serem curadas, o que sugere patologias oncológicas. Sob estes enfoques, a literatura apresenta o gênero *Maytenus* como potente agente anti-tumoral e anti-leucêmico em doses baixas, no entanto não existem comprovações para ação em enfermidades acometidas no aparelho urinário, e sim como anti-ulcerogênica.^{7, 16} Para *Iodina rhombifolia*, foi realizado um levantamento fitoquímico, no qual foram encontradas a presença de substâncias como os alcalóides, flavonóides e taninos.¹⁷

O capim cidrão, *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf, foi referida pelos sujeitos como calmante. A ação calmante e espasmolítica leve comprovada é atribuída ao citral presente no óleo essencial, onde também é encontrado o mirceno, responsável pela sua ação analgésica.¹⁸ Seu uso também é indicado como hipotensor e para gripe.¹⁹

A carqueja, *Baccharis trimera* (Less.) DC., foi citada pelos idosos para o controle do diabetes. Segundo a literatura etnofarmacológica, esta planta apresenta atividade hipoglicemiante, para tratar a gripe e para aliviar a dor de estômago.¹⁹ O uso popular está de acordo com a literatura.

Os idosos referiram que o chá-preto, *Camellia sinensis* (L.) Kuntze, é utilizado para dor de barriga. Esta utilização está de acordo com as ações farmacológicas que

compreendem a atividade antiúlcera, ação preventiva e curativa nas diarreias causadas por rotavírus, cólera e toxinas alimentares.⁷ Além disso, um estudo realizado recentemente sobre a fitoquímica desta planta evidenciou a atividade de aceleração sobre o trânsito gastrointestinal em ratos e efeito inibitório contra a lipase pancreática.²⁰

A cidreira, *Melissa officinalis* L., foi indicada pelos sujeitos abordados como calmante e usada para dormir, dados que conferem com a literatura. Estudos etnofarmacológicos relatam que essa planta é indicada nos casos de ansiedade^{7,14} e insônia, de preferência usando suas folhas e inflorescências frescas, na forma de infusão.⁷

A goiabeira, *Psidium guajava* L., foi relacionada ao tratamento de diarreia pelos sujeitos entrevistados, o que é confirmado pelos estudos com a espécie, cujas folhas possuem constituintes químicos com princípio ativo antidiarréico. Além disso, o extrato aquoso do broto da goiabeira de polpa branca e, em maior quantidade, aquela de polpa vermelha, demonstraram intensa atividade contra *Salmonella*, *Serratia* e *Staphylococcus*, antígenos responsáveis pelo surgimento de diarreias.⁷

Com relação ao guaco, *Mikania cordifolia* (L.f.) Willd., os entrevistados referiram que o mesmo é indicado para diminuir a tosse, contudo a literatura recomenda a espécie para uso bem mais amplo, como anti-inflamatório, anti-parasitário, anti-asmático, anti-reumático, analgésico e febrífugo.⁷

A hortelã, *Mentha x piperita* L., foi mencionada pelos entrevistados como uma planta que traz bem estar para quem está sofrendo há muito tempo. Esta indicação mencionada pelos idosos pode estar relacionada às propriedades antiespasmódica, antiinflamatória, antiúlcera, antiviral⁷ e antimicótica, principalmente contra a *Candida albicans*⁶, encontradas em estudos etnofarmacológicos. Pode também estar associada ao conforto e bem-estar que o sabor e aroma agradáveis da infusão preparada com esta planta proporcionam nos dias de melancolia.

A laranja, *Citrus sinensis* (L.) Osbeck, foi citado pelos entrevistados para tratar gripe e para dormir. Não foram encontrados na literatura estudos que comprovassem as ações citadas pelos entrevistados, sendo, entretanto, comprovada a ação inibitória do crescimento de células humanas de câncer de mama.²¹

O limão e a lima são da mesma espécie, *Citrus limon* (L.) Burm. f. foram indicados

pelos idosos para o tratamento de infecção urinária e redução da febre. Em estudo farmacológico foram encontrados flavonóides com atividade antioxidante, que mantém a integridade capilar, favorecendo, assim, a circulação periférica²². No estudo etnobotânico foi indicado o uso para tratamento de gripes e resfriados.⁷

Os idosos referiram o uso da losna, *Artemisia absinthium* L., para dor de estômago e dor de barriga, o que está de acordo com as indicações encontradas na literatura etnofarmacológica. Possui propriedades carminativa, diurética, colagoga, emenagoga, abortiva e anti-helmíntica.⁷ Seu sabor estimula a secreção estomáquica, aumenta o volume biliar e do suco pancreático, o fluxo salivar, bem como o peristaltismo intestinal e também possui atividade antimalárica.⁷

Os entrevistados relataram que usam a malva, *Malva sylvestris* L., para tratar feridas e “coisas” nos dentes, provavelmente se referindo a abscessos e inflamações. Ao analisar pesquisas sobre esta planta, constatou-se que a espécie é indicada para inibição total no crescimento das bactérias da placa dentária.²³ Em estudo etnofarmacológico, há relato de que é capaz de suavizar a irritação dos tecidos, reduzir inflamações e infecções da boca e garganta.⁷

A marcela, *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC., foi citada para utilização na dor de estômago, o que vai ao encontro de um estudo farmacológico que comprovou atividade antiinflamatória, antiespasmódica, analgésica, colerética, imunoestimulante, antiviral, antimicrobiana, hipoglicemiante e antioxidante.⁹

A planta mil-em-rama, *Achillea millefolium* L., foi indicada pelos idosos para diminuir a pressão arterial. Contudo, não há estudos publicados na literatura que comprovem a ação mencionada pelos idosos para esta espécie, e sim um estudo farmacológico que comprovou o potencial antiúlcera da parte aérea, sendo que não apresentou sinais significativos de toxicidade, mesmo com tempo de exposição crônica.²⁴

Os idosos referiram que utilizam o pendão-do-milho, *Zea mays* L., para o desgaste no estômago. No entanto, não foi encontrado estudo que apresentasse esta indicação. Porém, em um estudo etnofarmacológico esta espécie é citada como diurética, hipoglicemiante, e estimuladora do fluxo biliar prevenindo a formação de cálculos renais.⁷

A pata-de-vaca, *Bauhinia forficata* Link, é utilizada pelos idosos para problemas nos rins e infecções urinárias, no entanto, não há estudos científicos relacionando-a a esta ação. Esta planta tem sido referida em estudos fitoquímicos como tendo efeito antidiabético.¹⁴

O poejo, *Mentha pulegium* L., foi indicada pelos idosos para aliviar a dor de cabeça, entretanto, não foram encontrados estudos que comprovassem esta ação. Segundo o estudo etnofarmacológico com a espécie, pode ser empregado na forma de infusão para tratar quem sofre de amenorréia, gota, resfriados, desordens digestivas e para elevar o volume urinário.⁷

O são-sepulcro, *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc., foi citada pelos sujeitos como calmante e para dor de estômago. Um estudo farmacológico comprovou que esta planta tem ação bacteriostática.⁷ A literatura traz ainda que os extratos de *A. gratissima* apresentaram atividade antibacteriana para *Rhodococcus equi* e para *Pasteurella multocida*, ambas bactérias relacionadas a casos de pneumonias e outros quadros respiratórios em humanos e animais.²⁵ A ação calmante não foi encontrada na literatura.

Sabe-se que a utilização de plantas medicinais é uma prática muito antiga, que vem sendo difundida de geração a geração com a finalidade de promover a saúde da população e prevenir doenças. Desta forma, a construção dos saberes foi fortemente influenciada pela cultura de cada grupo social, colaborando para a sua diversificação. Nos dias atuais percebe-se que o interesse pela exploração e difusão de conhecimentos referentes a essas plantas ainda prevalece, no entanto, o enfoque passou a assumir novas disposições, como a conservação da biodiversidade e o incentivo à realização de pesquisas nesta área.²⁶

Sob este aspecto, percebe-se que a transmissão dos conhecimentos sobre a utilização das plantas medicinais está aos poucos sendo incorporado pela população, especialmente a mais idosa, a qual é alvo do consumo destas plantas, e que pertence a uma geração que valoriza esta prática no cuidado de sua saúde.²⁷ No entanto, quando se fala em idosos institucionalizados, parte-se da premissa de que nem sempre a sua saúde é valorizada na íntegra, limitando um pouco algumas ações conforme as diretrizes das instituições.²⁸

Percebeu-se que o tempo de permanência na instituição pode interferir no uso e na transmissão desses conhecimentos, pois estes locais de longa permanência tendem a ter

normas internas para facilitar o convívio dos moradores, o que geralmente desencadeia um processo de massificação e despersonalização dos sujeitos. Por conseguinte, dificilmente executam a passagem de seus saberes, pois muitos destes idosos são solteiros, que procuraram o lar por não ter mais seus familiares em condições de acolhimento e por não mais conseguirem atuar ativamente na sociedade. Portanto, são pessoas sozinhas, distantes do seu nicho familiar, que mantém vínculos sociais normalmente apenas com os demais indivíduos institucionalizados.

Vislumbra-se, então, uma carência significativa de efetivas explorações acerca destes que possuem o conhecimento popular²⁷, o que contribui para a erosão dos saberes relacionados a esta prática culturalmente tão difundida na sociedade. Nesta perspectiva, salienta-se que mesmo sendo os idosos os maiores detentores de conhecimentos da cultura em geral, destacando o uso de plantas medicinais na manutenção da saúde, estes saberes geralmente não são valorizados, podendo ocorrer, desta maneira, a perda de informações importantes.

Um estudo realizado com idosos adscritos de uma equipe de saúde da família do nordeste evidenciou que, apesar dos idosos cultivarem e utilizarem plantas em casa, ao adoecerem, a maioria procurava o serviço de saúde, o que demonstra que estas gerações são detentoras de conhecimento da medicina popular, porém não confiam apenas em sua sabedoria.²⁹

Ao analisar a participação dos profissionais de saúde no processo de valorização do conhecimento popular e utilização adequada das plantas medicinais, observa-se que apesar do incentivo no Brasil através da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos², ainda não existe uma participação significativa por parte destes profissionais. Os idosos referiram que o conhecimento que possuem acerca do uso das plantas medicinais lhes foi passado através da família e de vizinhos. Deste modo, constata-se que as informações pertinentes às plantas medicinais, passadas de geração a geração, são realizadas especialmente entre os integrantes da família e pessoas próximas, como amigos e parentes.³⁰

Portanto, a conscientização quanto à preservação dos conhecimentos sobre as plantas medicinais é essencial para garantir à população a manutenção dos hábitos culturais em saúde, através do acesso seguro aos recursos naturais, de modo a contribuir para a qualificação das terapias complementares e a promoção da saúde.

CONCLUSÃO

Entende-se que a aquisição dos saberes sobre a utilização das plantas medicinais para fins terapêuticos ocorre no decorrer da vida, desencadeando, portanto, um valioso acúmulo de conhecimentos na terceira idade. Contudo, o processo de institucionalização dos idosos em lares de longa permanência, colabora para o seu afastamento da família e, por conseguinte, reduz o processo de disseminação da sua bagagem intelectual, pois são poucos os asilos que incentivam a discussão sobre esta temática, assim como poucos aqueles que adotam o consumo *in natura* de tais plantas.

Portanto, o resgate cultural deveria fazer parte da ação das equipes multiprofissionais, de modo a valorizar as fontes de conhecimentos emergentes das várias etnias que compõe a mais nova família do ser asilado.

Novos estudos deveriam ser realizados no local da pesquisa, a fim de compreender a visão profissional do lar, pois a ausência de informações sobre a correta utilização das plantas medicinais ainda é um desafio complexo, que será vencido no momento em que mais estudos divulgarem o quanto é grandioso o ato de compreender os saberes populares, promovendo a sua cientificidade e mudança de comportamentos no cuidado em saúde.

REFERÊNCIAS

1. Veiga Jr VF, Maciel MAM, Pinto AC. Plantas medicinais: cura segura? Quim Nova. 2005; 28(3):519-528.
2. Ministério da Saúde; Secretaria de ciência, tecnologia e insumos estratégicos. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde; 2006.
3. Minayo MCS (Org), Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 10^a ed. Petrópolis: Vozes; 2004.
4. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais - A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 2008.
5. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa (PT): 70; 1977.
6. Yiğit D, Yiğit N, Ozgen U. An investigation on the anticandidal activity of some traditional medicinal plants in Turkey. Mycoses. 2009 Mar;52(2):135-40.

7. Lorenzi H, Matos FJA. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum; 2008.
8. Güncin I, Oktay M, Kirecçin E, Küfrevioğlu OI. Screening of antioxidant and antimicrobial activities of anise (*Pimpinella anisum* L.) seed extracts. Food Chemistry. 2003;(83):371-82.
9. Vendruscolo GS, Rates SMK, Mentz LA. Dados químicos e farmacológicos sobre as plantas utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Rev. bras. Farmacogn. 2005;15(4):361-372.
10. Malvar D do C, Pires PA, De Melo GO, Costa SS, Germano PF, Côrtes WS, Vanderlinde FA. Influência do pré-tratamento com o sumo do *Sedum dendroideum* (bálsamo) sobre a nocicepção de camundongos (*Mus musculus*). Rev. Univ. Rural. 2004 Jul.-Dez 24(2):135-140.
11. De Melo GO, Malvar Ddo C, Vanderlinde FA, Rocha FF, Pires PA, Costa EA, de Matos LG, Kaiser CR, Costa SS. Antinociceptive and anti-inflammatory kaempferol glycosides from *Sedum dendroideum*. J Ethnopharmacol. 2009 Jul 15;124(2):228-32.
12. Nai Ki Makl, Yee Ling Wong-Leung, Shuk Chong Cha.nl, Jianming Wenl. Isolation of anti-leukemia compounds from *Citrus reticula* TA. Life Scienrrs. 1996;58(15):1269-1276.
13. Yuan-Chuen Wang, Yueh-Chueh Chuang, Hsing-Wen Hsu The flavonoid, carotenoid and pectin content in peels of citrus cultivated in Taiwan. Food Chemistry. 2008;(106):277-284.
14. Teixeira ER, Nogueira JF. O uso popular das ervas terapêuticas no cuidado com o corpo. Rev. Gaúcha Enferm. Porto Alegre. 2005;26(2):231-41.
15. García GM, Sáenz CD, Rojas ML, Tinoco MZ, Bonilla PJ. Exploración del uso de plantas medicinales en zona urbana de Costa Rica. Fármacos. [periódico na internet]. 2002 [acesso em 2009 Ago 27];15(2):53-64. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=343257&indexSearch=ID>
16. Mariot MP, Barbieri RL. Metabólitos secundários e propriedades medicinais da espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. Ex Reiss e *M. aquifolium* Mart.). Rev. Bras. Pl. Med, Botucatu. 2007;9(3):89-99.
17. Alice CB, Silva GA de A B, SIQUEIRA NCS, MENTZ L A. Levantamento fitoquímico de alguns vegetais utilizados na medicina popular do Rio Grande do Sul (Partel). Caderno de Farmácia, 1985; 1(2):83-94.
18. Moraes SM, Dantas JDP, Silva ARA, Magalhães EF. Plantas medicinais usadas

Borges AM, Lopes CV, Quadros LCM de et al.

pelos índios Tapebas do Ceará. Rev bras farmacog. 2005;15(2):169-77.

19. Medeiros MFT, Fonseca VS, Andreata RHP. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. Acta bot. bras. 2004;18(2):391-99.

20. Yoshikawa M, Sugimoto S, Kato Y, Nakamura S, Wang T, Yamashita C, Matsuda H. Acylated Oleanane-Type Triterpene Saponins with Acceleration of Gastrointestinal Transit and Inhibitory Effect on Pancreatic Lipase from Flower Buds of Chinese Tea Plant (*Camellia sinensis*). Chem Biodivers. 2009 Jun 6(6):903-15.

21. Sergeev IN, Shiming L, Colby J, Ho C, Dushenkov S. Polymethoxylated flavones induce Ca²⁺-mediated apoptosis in breast cancer cells. Life Sciences. 2006;(80):245-53

22. Del Río JA, Fuster MD, P. Gómez P, Porraz I, García-Lidón A, Ortuño A. Citrus limon: a source of flavonoids of pharmaceutical interest. Food Chemistry. 2004;(84):457-61.

23. Buffon MCM, Lima MLC, Galarda I, Cogo L. Avaliação da eficácia dos extratos de *Malva sylvestris*, *Calendula officinalis*, *Plantago major* e *Curcuma zedoarea* no controle do crescimento das bactérias da placa dentária. Estudo "in vitro". Rev. Visão Acad. 2001;2:31-8.

24. Cavalcanti AM, Baggio CH, Freitas CS, Rieck L, de Sousa RS, Da Silva-Santos JE, Mesia-Vela S, Marques MC. Safety and antiulcer efficacy studies of *Achillea millefolium* L. after chronic treatment in Wistar rats. J Ethnopharmacol. 2006 Sep 19;107(2):277-84.

25. Souza AA, Wiest JM. Atividade antibacteriana de *Aloysia gratissima* (Gill et Hook) Tronc. (garupá, erva santa), usada na medicina tradicional no Rio Grande do Sul - Brasil. Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu, 2007;9(3):23-9.

26. Branquinho F. O poder das ervas na sabedoria e no saber científico. Rio de Janeiro: Mauad X; 2007.

27. Flatie T, Gedif T, Asres K, Gebre-Mariam T. Ethnomedical survey of Berta ethnic group Assosa Zone, Benishangul-Gumuz regional state, mid-west Ethiopia. J Ethnobiol Ethnomed. 2009;5(14):1-11.

28. Pestana LC, Santo FHE. As engrenagens da saúde na terceira idade: um estudo com idosos asilados. Rev esc enferm[periódico na internet]. 2008 [acesso em 2009 Ago 13];42(2):268-275 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000200009&lng=pt&nrm=isso

Knowledge associated with the use of medicinal plants...

29. Silva FLA, Oliveira RAG, Araújo EC. Uso de plantas medicinais pelos idosos em uma Estratégia de Saúde da Família. Rev Enferm UFPE on line[periódico na internet]. 2008 [acesso em 2010 jan 12];2(1):9-16. Disponível em:

<http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/400/393>

30. Veiga Jr VF. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. Rev bras farmacogn. 2008;18(2):308-13.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2010/04/13

Last received: 2010/07/21

Accepted: 2010/07/25

Publishing: 2010/10/01

Address for correspondence

Anelise Miritz Borges

Rua General Osório 1291-B, Ap. 41, Centro

CEP: 92500-000 – Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil